

## SUPEM nos 50 anos da FMC

Acadêmica Marina Araújo Zulchner, presidente da SUPEM

É com grande apreço e moção que agora recordamos a história de uma entidade que teve muitos momentos de glória que merecem agora, nessa edição especial da Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos em comemoração ao cinquentenário da instituição, ser exaltados e trazidos à tona para que todos possam conhecer e desfrutar dos grandes marcos da Sociedade Universitária de Pesquisas e Estudos Médicos (SUPEM).

O ano de 2017 marca de forma intensa a história da FMC e da SUPEM. Em primeiro lugar comemoramos o cinquentenário da FMC, que cresceu a cada ano de forma a apoiar e se dedicar aos seus alunos, funcionários e professores de forma concisa e evolutiva. Nestes 50 anos muito foi realizado e muito foi conquistado, destacando-se neste texto os marcos intimamente relacionados com a SUPEM.

A SUPEM foi criada em 1972 numa parceria entre alunos e o então professor da FMC, Francisco Conte, com intuito de difundir a ciência na FMC e promover congressos, simpósios e cursos para os acadêmicos de medicina da cidade. Em 1979, em reconhecimento ao enorme trabalho científico, a Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes oficializa a SUPEM como órgão de utilidade pública municipal.

Os anos de glória da SUPEM se multiplicaram, mas a mesma chegou ao descaso e perdeu sua força e sua expressão. Em 2013 houve um ressurgimento da mesma no cenário acadêmico da FMC e em 2015 as Ligas Acadêmicas voltaram à atuação, colocando em prática o intuito inicial do órgão de promover cursos, congressos, simpósios e todos os eventos que poderão somar conhecimento aos alunos da FMC. Atualmente temos em funcionamento 34 Ligas Acadêmicas ativas, sendo elas as ligas de: Anatomia, Anatomia Patológica, Anestesiologia, Atenção ao Trauma e Ortopedia, Cardiologia, Cirurgia, Cirurgia Plástica, Clínica Médica, Dermatologia, Doenças Infecto Parasitárias, Endocrinologia e Metabolologia, Gastroenterologia e Hepatologia, Geriatria, Ginecologia e Obstetrícia, Hematologia e Hemoterapia, Imunologia, Medicina de Família e Comunidade, Medicina de Urgência e Emergência, Medicina Esportiva, Medicina Intensiva, Nefrologia, Neurocirurgia, Neurologia, Nutrologia, Oftalmologia, Oncologia, Otorrinolaringologia, Pediatria, Pneumologia, Psiquiatria e Saúde Mental, Radiologia, Reumatologia, Saúde Coletiva e Urologia.

Este ano, com o início de uma nova gestão de alunos, o trabalho continua dando foco na continuidade de todo trabalho realizado no ressurgimento dos tempos de glória da SUPEM, contando com o apoio da direção para que possamos continuar no caminho da promoção de conhecimento e expansão de horizontes dos alunos da instituição.

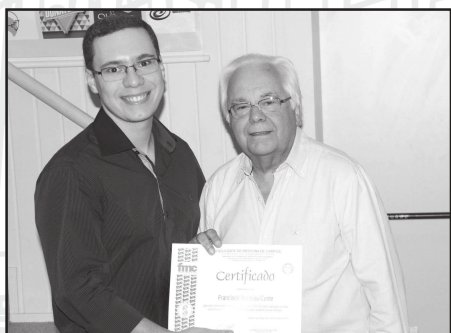
Somando-se a isso temos neste ano a comemoração dos 45 anos da fundação da SUPEM e os 10 anos da fundação da primeira Liga Acadêmica na faculdade por intermédio da SUPEM. São muitas comemorações de datas tão marcantes para a história da FMC e da SUPEM.

Muitos foram os eventos realizados pela SUPEM durante este tempo, como: Congresso Interligas, Curso de Eletrocardiograma, Simpósio de Emergências Médicas, Simpósio de Clínica Médica, Curso de Emergências Clínicas, Curso sobre Iniciação Científica, e inúmeras palestras sobre os mais diversos temas e abrangendo as mais diversas áreas de atuação.

Por fim, queremos deixar palavras que nos inspiram para que o futuro seja cada vez mais promissor que o presente e que o passado.

A Gestão 2017 atua sob presidência da acadêmica Marina Araújo Zulchner, vice-presidência do acadêmico João Marcos Marcelino Chaves Ribeiro, como coordenadores gerais os acadêmicos Luis Carlos Rodrigues dos Santos e Carolina Azevedo Lobo.

Destacamos também o trabalho brilhante do tesoureiro Otávio Defanti Ramos e da coordenadora de eventos Júlia Fazoli de Carvalho. Ainda compondo a gestão 2017, temos como 1ª Secretária a acadêmica Thaynara Kellen Marcilio de Oliveira e como 2ª Secretária a, também acadêmica, Rylari Tavares Rangel, como Coordenador Científico o João Paulo Chevrant Latini de Almeida, coordenando as Ligas Acadêmicas contamos com o trabalho de Daniel Fraga Costa e por fim, e não menos importante, a coordenadora de marketing da SUPEM é a acadêmica Lara Martini Siqueira. Pretendemos deixar nos alunos o desejo de crescer em conhecimento e de aumentar na instituição a vontade de continuar caminhando junto com a SUPEM para que possamos realizar ainda mais do que tudo que já foi realizado e conquistado.



Homenagem em 2017 ao fundador da SUPEM, professor Francisco Almeida Conte

## Santa Casa de Misericórdia nos 50 anos da FMC

Manuel Corraes Neto e João Carlos Borromeu Piraciaba atuais Provedor e Vice-Provedor eleitos e ex-alunos da FMC.

As relações institucionais entre a Santa Casa de Misericórdia de Campos (SCMC) e a futura Faculdade de Medicina de Campos (FMC) se iniciaram em 1964, como encerramento das atividades da maternidade da Fundação Benedito Gonçalves Pereira Nunes (FBPN) e com o Hospital Infantil restringindo as internações, criando-se dois sérios problemas de assistência que tiveram de ser resolvidos. Assim, inspirados e assessorados pelo Doutor Osvaldo Pova e colegas de sua equipe, providenciou-se a instalação de uma maternidade com 62 leitos, estruturada na melhor técnica obstétrica para atender ao volume sempre crescente das pessoas carentes.

A criação do serviço fez com que houvesse muitas benfeitorias na Santa Casa, com importante participação do Sylvio Lontra Costa. Por concessão temporária da FBPN, então presidida pelo espírito esclarecido e progressista de Cardoso de Mello, a Santa Casa de Misericórdia de Campos obteve mesas de partos e outros utensílios indispensáveis, facilitando a tarefa de suprir a lacuna do fechamento da maternidade e, ainda reconhecendo a gravidade do problema social, houve por bem o Doutor Cardoso de Mello, com assentimento do Conselho, deferir à Santa Casa de Misericórdia de Campos a incumbência de receber, mensalmente 50% da taxa hospitalar. O Hospital Infantil não tinha mais condições de resolver os problemas de crianças acidentadas, recaindo mais este serviço para a Santa Casa de Misericórdia de Campos.

Ainda no decorrer do ano de 1964, havia grande expectativa com a abertura da Faculdade de Medicina de Campos, pois era grande o problema de falta de médicos no Pronto Socorro.

No final do ano de 1966 terminaria o convênio entre a SCMC e a FBPN, o que não ocorreu por causa do diálogo entre o Provedor Manoel Ferreira Paes e o Doutor Geraldo Venâncio e a Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes para a garantia de verbas necessárias à manutenção do serviço.

No ano de 1968, a Santa Casa de Misericórdia de Campos contava com a assistência e orientação de devotados médicos como Cândido Teixeira Lopes, Oswaldo de Menezes Póvoa, Mário de Mattos Goulart, Elias Michel Abílio, Lourival Martins Beda, Dilzete Morales Bitencourt, Jaime Martins Faria, entre outros organizando os serviços de Clínica Médica e Cirúrgica, destacando as três primeiras cirurgias cardíacas com circulação extra-corpórea, realizadas pelos Doutores Domingos Junqueira Moraes, Valdir Jasbik, Fued Michel Abílio.

Em 09 de setembro de 1968 foi avisado ao Prefeito José Carlos Vieira Barbosa a impossibilidade de continuar a Santa Casa de Misericórdia de Campos com o serviço de Pronto Socorro dentro dos estreitos limites da verba consignada, além dos atrasos, fatos que são históricos em nosso município até os dias atuais.

Em 1971, a Faculdade de Medicina de Campos e a Santa Casa de Misericórdia de Campos firmaram um convênio, estabelecendo “modus vivendi”, regulando assim, as relações entre as duas entidades. A Faculdade de Medicina de Campos firmou-se, gozando de magníficos conceitos nos círculos educacionais e as instalações

da Santa Casa eram as que mais se aproximavam das condições de um Hospital Escola. O estudante do 6º ano teria de fazer uma vivência hospitalar, obrigatória, para completar a sua formação médica, surgindo o “internato” porém, muitos alunos precisavam de vasto campo de observação e estudo, permanecendo 14 estudantes na SCMC, acatando as diretrizes do comando da FMC, recebendo da Santa Casa hospedagem e um prolabore de Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros) mensais. Outros 14 estudantes do 5º ano também foram admitidos como auxiliares dos médicos do Pronto Socorro de urgência, remuneração com importância menor.

Para completar, além das enfermarias postas à disposição da FMC, colocaram-se os ambulatórios de cirurgia, clínica médica e pediatria para que os estudantes pudessem diversificar seus conhecimentos. Em resumo, todos os setores da Santa Casa foram prolongamentos da FMC. O ambiente universitário no hospital fez-se notar visível acréscimo no número de enfermos, porém observou-se um elevado custo, de maneira preocupante, o que levou a Santa Casa e a Faculdade Medicina de Campos a examinarem o convênio para o ano de 1973. No entanto, apesar do custo elevado e balanço desfavorável à Santa Casa, permaneceram no ano seguinte 27 doutorandos.

1972. 13 formandos da 1ª turma formada pela FMC fizeram seu Internato na Santa Casa e como registro de sua gratidão tiraram uma foto com o Provedor Manoel Ferreira Paes. Foram eles: Airtton S. Crespo, José Carlos Miranda, Clélia Sheffer, José Vicente Morrison, João Peralva Bousquet, Estevão Pedro do Nascimento, César Ricardo Matchenski, Lutero Mendes Machado, Pedro Baggio, Olímpio França Junior, Murilo Rubens Schaefer, Paulo Cesar Abi Ramia e José Caíres de Souza. O número parece que deu sorte, pois hoje a FMC conta com mais de 3000 ex-alunos, médicos.

1973. Pronto-Socorro com dificuldades de receber verbas da PMCG. A Clínica Médica com o Dr. Carlos Américo da Silva Alves teve destaque com o Dr. Francisco Conte, professor da Faculdade de Medicina de Campos, atendendo indigentes com grande colaboração dos alunos. O então jovem Dr. Conte realizou: 09 biópsias (hepática, sinovial, cutânea, muscular e retal); 03 autópsias, 02 diálises peritonais e uma novidade em Campos: uma pneumoaortografia; incentivado, administrou imunossuppressores para artrite reumatóide e com parceria do Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (HSE/RJ), demonstrava interesse científico com entusiasmo e inovação na orientação dos seus alunos.

A Clínica Infantil era onerosa, começando a ter questionamentos com a Fundação Benedito Pereira Nunes.

Foi idealizada a Clínica Cardiológica pelo Dr. Sidney Crispim Freixo.

### FMC e ESTUDANTES

Os doutorandos de 1973 mostraram menos motivação e interesse que os anteriores e, após entendimentos com o responsável pelo internato, Dr. Osvaldo da Costa Cardoso de Melo, a SCMC deixou

de contribuir com recursos que vinha dando aos alunos, ficando, no entanto à disposição dos estudantes.

O ano de 1974 foi marcado pelo rompimento oficial das relações entre a direção da FBP/FMC e SCMC. No entanto, houve melhor entendimento da SCMC com a PMCG. Passou à Chefia do Pronto Socorro o Dr. Jaime Faria, passando a funcionar em cada plantão de 24 horas com o cirurgião e 04 Acadêmicos, internos da FMC, por ela designados e a ela administrativamente subordinados, com sobreaviso das seguintes especialidades: Traumaortopedia, Clínica Médica, Neurologia e Neurocirurgia, Anestesiologia, Oftalmologia, Otorringolaringo-logia, Endoscopia, Urologia e Proctologia. Havia um Clínico rotina. A SCMC providenciou um curso de urgência para os Acadêmicos do 4º e 5º ano e, a seguir, um concurso classificatório, do qual deveriam sair 07 (sete) equipes de 04 acadêmicos para estagiarem no serviço de Pronto Socorro Hospitalar em 1975.

A equipe foi reforçada com mais 02 Cirurgiões nos fins de semana e mais um Clínico para a visita da tarde e consultas na sala de admissão para casos clínicos. Posteriormente, foi admitido um Pediatra.

...”se a FMC não pode dar o mínimo, a SCMC não pode continuar a dar o máximo”...

1975. Houve melhorias no hospital com investimentos do Estado.

1997. Assume uma nova Provedoria, cujo Titular Benedito Marques traz uma história pessoal de comprometidos serviços prestados à Filantropia Oncológica e à Educação Superior de Campos, representadas pela Liga Campista e Norte Fluminense de Combate ao Câncer e Fundação Cultural de Campos - Mantenedora das Faculdades de Filosofia, Direito e Odontologia, entre muitos outros. Volta a estreitar os laços de colaboração, com a Faculdade de Medicina de Campos - Diretor Jair Araujo Junior e a Fundação Benedito Pereira Nunes – Presidentes Makhoul Moussalem/Marcos Bruno. O marco simbólico maior dessa relação foi, em 15 de abril de 1998, o final de uma pendência

jurídica de mais de 20 anos, entre ambas, pela efetiva propriedade do terreno da esquina da rua Gil de Góis com Voluntário da Pátria, vizinho à Faculdade. A Fundação efetivou a aquisição, da Santa Casa, do referido terreno, concretizando a posse definitiva da área para sua expansão, onde hoje se localizam o Centro de Cultura e Educação para a Saúde de Campos e do Norte Fluminense, a Biblioteca Luiz Augusto Nunes Teixeira e a Sociedade Brasileira de Clínica Médica Regional RJ. Ganharam todos e principalmente a população, os estudantes e os médicos.

As relações entre a FMC e a SCMC, envolvendo o ensino, retornaram em 2008, quando a SCMC cedeu as enfermarias de Clínica Médica ao HFM, porque as suas estavam em reforma e lá havia alunos do componente disciplinar de Semiologia, coincidindo com a minha entrada como um dos Assistentes do Professor Edino Jurado. Mesmo sem um caráter oficial, houve uma aceitação pelo então Provedor Bendito Marques. Houve grande euforia por parte dos alunos devido à diversidade de pacientes nas clínicas médicas, cirúrgicas e CTI.

A partir de 2015, passou a vigorar um contrato oficial entre a FMC e a Junta Interventora da SCMC e em 2017, com as turmas de 75 estudantes e ingresso semestral, passaram a ter suas aulas práticas nas enfermarias da SCMC, com apoio do Centro de Estudos para aulas teóricas e de uma sala para apresentação de casos e práticas da semiótica. O Corpo discente do componente curricular é composto, além do Titular Professor Edino, dos seguintes assistentes: Professores Paulo Roberto de Souza, Lígia Maria Menezes Muylaert, Evaldo Luiz Othal Batista, Cláudio Teixeira, Valdebrando Mendonça de Lemos e João Carlos Borromeu Piraciaba.



## Hospital Plantadores de Cana nos 50 anos da FMC

Dr Benedito Pohl - Diretor Clínico do HPC

Hospital dos Plantadores de Cana e os 50 anos da Faculdade de Medicina de Campos.

A Associação Fluminense de Assistência à Mulher, à Criança e ao Idoso/Hospital dos Plantadores de Cana (AFAMCI/HPC) possuía tradição na interiorização da medicina, representada pela ação desenvolvida na rede de ambulatorios rurais.

O HPC atendia a uma população canavieira estimada em 220 mil habitantes, dispersos em zona rural, abrangendo a área geográfica de Campos, além de outros municípios do Norte e Noroeste Fluminense.

Na ocasião, o HPC encontrava-se com toda sua pujança, procurado pela comunidade campista, pelos trabalhadores e proprietários rurais, por toda a elite da época. No HPC havia disponibilidade de área física e uma rede de ambulatorios rurais.

Foi através dessa experiência, em 1973, que foi firmada uma parceria do HPC com a Faculdade de Medicina de Campos e foi elaborado um sistema de regionalização docente-assistencial para o município, levando em consideração os elementos disponíveis.

Havia a necessidade do estudante ultrapassar o nível de “ensino-pesquisa” para o “ensino trabalho”, desenvolvido através do sistema de internato no HPC. Isso favoreceu a socialização da medicina, pois o paciente necessitava ser visto e tratado por pessoas humanas com seus anseios que refletiam a realidade da coletividade.

Esse foi o processo de interiorização do Curso de Medicina estimulado em nível curricular, e a Faculdade de Medicina de Campos passou a desenvolver um programa de ensino na área materno-Infantil, cuja finalidade era diminuir o alto índice de mortalidade na região.

Ao estimular a rede de prestação de serviços, principalmente a ambulatorial, o sistema de ensino verticalizou-se e permitiu a expansão das ações de internato e a implantação das residências médicas em pediatria, obstetrícia, clínica médica e cirúrgica.

Na ocasião, em 1976, foi implantado o Programa Materno Infantil de Campos (PROMAICAM), com o objetivo de qualificar os profissionais de saúde e a assistência ao binômio mãe-filho, em que o HPC oferecia a estrutura e a FMC, os docentes. Muito contribuiu a visão de profissionais e gestores da importância daquele momento.

Cumprindo esses requisitos, o projeto teve as exigências técnicas aprovadas pela Organização Pan Americana da Saúde (OPAS) e financiamento da Fundação Kellogg's por 4 anos, o que contribuiu para reconhecimento nacional e melhoria de ambas as instituições.

Durante décadas a consolidação da parceria HPC/FMC permitiu a formação de centenas de médicos que hoje atuam em várias cidades do Brasil e no exterior.

E a melhoria na prestação de serviços continuou: novo Centro Obstétrico, Banco de Leite Humano, Unidade de Tratamento Intensivo Adulto e Neonatal, maternidade de referência regional em alto risco, certificação de entidade Beneficente de Assistência Social e resgate da residência médica em Pediatria, Neonatologia e Ginecologia e Obstetrícia. O HPC e a FMC continuam oferecendo à comunidade acadêmica e civil um trabalho de excelência que visa à melhoria das condições sociais e de saúde.

Reescrever a história HPC/FMC é contar uma missão de promoção à assistência integral à saúde, ao ensino e à pesquisa.

## Hospital Beneficência Portuguesa nos 50 anos da FMC

Dr Jorge Luiz Almeida Miranda - Diretor Clínico do HBPC

Comemorar 50 anos de Fundação da Faculdade de Medicina de Campos é gratificante e conhecer a parceria desde o início com a centenária Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campos (165 anos em agosto/2017) e toda a transformação positiva que ocorreu neste meio século para as duas instituições é relevante.

“A Beneficência”, assim conhecida pela população, fez adaptações importantes com a criação de serviços de Clínicas médicas, ampliação de centro cirúrgico e obstétrico e fundação do primeiro CTI da região Norte Fluminense, tudo isto na década de 1970, recebendo os estudantes em estudos curriculares e como estagiários, logo, contribuindo, definitivamente, para a formação de gerações de médicos.

Esse impulso evolutivo não cessou até os dias atuais, quando ainda é mantido internato curricular da FMC, com parceria de residência médica em cirurgia geral desde o ano de 2002.

A Beneficência hoje tem mais de 70% de seu corpo médico constituído por médicos formados na Faculdade de Medicina de Campos, que em sua maioria, após a graduação, tornaram-se especialistas e retornaram para exercer sua profissão na instituição que hoje, depois de diversas ampliações, pode oferecer medicina de alta complexidade em nível de excelência em diversas especialidades.

Parabéns Faculdade de Medicina de Campos!!!

## Sociedade Brasileira de Clínica Médica 50 anos da FMC

Dr Luiz José de Souza - Tesoureiro da Sociedade Brasileira de Clínica Médica/Regional RJ

Todos os dias, milhares de parcerias são firmadas em todo o mundo, mas poucas são as que conseguem sair das boas intenções, rendem dividendos, geram pesquisas e trabalhos científicos. Uma que rendeu, e ainda rende bons frutos é a parceria entre nós da Sociedade Brasileira de Clínica Médica (SBCM), regional RJ, e a Faculdade de Medicina de Campos (FMC). A cooperação entre essas duas entidades se concretizou efetivamente quando da inauguração da sede da Sociedade, em 18 de maio de 2001, num projeto de parceria com Fundação Benedito Pereira Nunes, mantenedora da Faculdade, quando também foi entregue a biblioteca Luiz Augusto Nunes Teixeira, que passou por ampliação, o anfiteatro Jair Araújo Júnior e a sala de multimídia.

Nesse período, centenas de pesquisas foram entabuladas pela SBCM, sempre com a participação dos acadêmicos da FMC. Em maio de 2002, os alunos foram a campo para constatar que 30,5% da população adulta de Campos sofrem com pressão alta, a grande maioria sem saber. O levantamento foi premiado durante sua apresentação durante o III Congresso de Clínica Médica do Estado do Rio, em Búzios. Vale destacar que a pesquisa mereceu um capítulo à parte do livro “Trabalho de Hipertensão Arterial da Cidade de Campos dos Goytacazes”, dos médicos Antônio Alves Couto e Sérgio Manoel Keiser. Ponto mais que positivo para a parceria SBCM-FMC.

Em março de 2002, num convênio com a Prefeitura de Campos, inauguramos o Centro de Referência da Dengue (CRD), no Hospital dos Plantadores de Cana, já que uma epidemia da doença assolava o município. O referido Centro, por sinal, é um dos poucos existentes no país, senão o único. Para viabilizar o projeto, abrimos as portas do Centro para todos os estudantes da FMC. Os acadêmicos que mostrassem comprometimento, dedicação, dinamismo, espírito de equipe e perfil para atividades científicas seriam contemplados com estágio remunerado por parte da Prefeitura. Além disso, também conseguimos enfermarias para as

aulas práticas de Semiologia. E os acadêmicos aderiram ao projeto, apresentaram vários trabalhos científicos reconhecidos no Brasil e no exterior. Esses trabalhos, por sua vez, renderam três livros. O primeiro foi “Dengue-Diagnóstico, Tratamento e Prevenção”, que acabou por se tornar referência em todo o país. Depois do sucesso do primeiro, lançamos a segunda edição revista de “Dengue-Diagnóstico, Tratamento e Prevenção”, com 71 páginas a mais. Sempre com a colaboração dos acadêmicos. A terceira publicação desta estreita parceria foi “Dengue, Zika e Chikungunya - Diagnóstico, Tratamento e Prevenção”, lançada durante o 52º Congresso Brasileiro de Medicina Tropical, realizado na cidade de Maceió (AL). A obra foi a primeira publicação no país abordando as três doenças.

Por falar no CRD, segundo nossas estimativas, por lá passaram mais de 200 estagiários remunerados. Esse número poderia dobrar facilmente, se entrassem na estatística os não remunerados, que se engajaram no projeto com intuito de aprender sobre a doença. Essa importante abertura possibilitou aos acadêmicos adquirirem autoconfiança, experiência e o fortalecimento na relação médico-paciente. Como se ainda não bastasse, as doenças tratadas no CRD geraram quase uma centena de monografias. Todas elas referendadas e orientadas por nós da SBCM.

Ao longo destes anos, a SBCM promoveu congressos, jornadas e diversos cursos, tendo como público-alvo médicos e acadêmicos medicina da FMC, numa parceria que pretende ser tornar infinita.

O projeto deste maravilhoso anfiteatro Jair Araújo Junior representa um avanço eterno na educação continuada de nossa faculdade.



## Atenção Primária à Saúde nos 50 anos da FMC

Dra Vera Lucia Marques da Silva - Diretora Clínica do Centro de Saúde Escola de Custodópolis - CSEC

A moderna concepção de Atenção Primária à Saúde (APS) surgiu no Reino Unido, em 1920, no Relatório Dawson que preconizou a organização do sistema de atenção à saúde em cinco níveis: os serviços domiciliares, os centros de saúde primários, os centros de saúde secundários, os serviços suplementares e os hospitais de ensino (PENN et al., 1920). Esse clássico documento descreveu as funções de cada nível de atenção e as relações que deveriam existir entre eles, e representa o texto inaugural da regionalização dos sistemas de atenção à saúde organizados com base na saúde da população, tendo influenciado a organização desses sistemas em vários países do mundo. Destaca-se, neste contexto, a importância de um sistema de saúde estar articulado ao mesmo tempo com a atenção primária e com o ensino.

No período do início dos anos vinte ao final dos anos setenta, deram-se vários movimentos que, direta ou indiretamente, levaram à APS. Um, muito importante, foi a criação do Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido, em 1948, e a adoção de médico generalista, embrião da medicina de família e comunidade (LAKHANI M et al., 2007). Diversos movimentos internacionais redundaram na Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, realizada em Alma-Ata, em 1978, sob os auspícios da Organização Mundial da Saúde e do Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE/UNICEF, 1979). No Brasil, embora em 1924 tenham surgido os Centros de Saúde criados na USP, provavelmente com alguma influência do pensamento dawsoniano do Reino Unido, somente nos anos 70 há uma retomada deste paradigma em algumas experiências-piloto nas universidades.

Estes marcos históricos relatados demonstram o ineditismo da Faculdade de Medicina de Campos, tanto em relação à implementação de uma unidade de Atenção Primária à Saúde - o CSEC - própria da Instituição, em 1968, como de um Hospital Escola - o Hospital Escola Álvaro Alvim - certificado em julho de 2007 como hospital de ensino pelo MEC e pelo Ministério da Saúde, na Direção Geral de Dr. Makhoul Moussallem. Ou seja, na proposta de cinco níveis de atenção de Dawson, a FMC implementou dois sob sua gestão: o CSEC e o HEAA.

Em relação especificamente ao ineditismo da Atenção Primária à Saúde, cabe considerar a Conferência Internacional, ocorrida em 1978, demonstrando que dez anos antes, em 1968, indo até 1971, a FMC incorporou em sua prática de ensino tanto a Atenção Primária à Saúde como a integração do ensino-serviço-comunidade, através da proposta do Prof. José Rodrigues Coura e o seu Programa de Medicina Social e Preventiva. Esse programa propôs a integração de ensino-serviço-comunidade, com a inserção dos alunos numa comunidade, e a implantação de uma unidade docente-assistencial de Atenção Primária, o CSEC. Uma vez por semana, de manhã ou à tarde, de 2ª a 5ª feira, uma turma de 8 alunos, acompanhados pelo Dr. Maurício Pereira (professor auxiliar da disciplina implantada) e sua esposa, visitavam 6 residências, e faziam relatórios semanais sobre as ocorrências sociais e epidemiológicas, durante os três primeiros anos do curso. Destaca-se a presença de um guarda sanitário, que corresponderia a um Agente Comunitário de Saúde atual (que somente surgiu no Brasil em 1987, no Ceará, demonstrando mais um ineditismo da FMC),

que numerava as casas da “Cidade de Palha” (atual bairro de Custodópolis), cujas famílias eram atendidas pelos estudantes. Esse guarda foi apelidado de “Jim da Selva”, pelo uniforme e tipo de chapéu “inglês” que ele usava. Dr. Coura relata que conseguiram, por meio do Dr. Olímpio da Silva Pinto, ex-Diretor do DENERU e seu amigo pessoal, um local para instalar um posto de saúde para atenção primária à população de Custodópolis, o atual CSEC (SILVA e JUNCÁ, 2012).

Após 1971, houve um grande recuo no Brasil do modelo de Atenção Primária e da integração ensino-serviço-comunidade, com apenas algumas universidades realizando experiências-piloto. O Brasil se incorporava a uma filosofia de valorização da tecnologia e do biologicismo, seguindo os ditames de um modelo flexneriano, diametralmente oposto ao modelo de Dawson, construindo grandes hospitais e adquirindo altas tecnologias. Muitos países assim também o fizeram, mas sem abdicarem de continuarem a investir na APS, como o Canadá e o Reino Unido. Claro está que isto teve reflexos nas práticas de ensino das faculdades de medicina do país, no qual está incluída a Faculdade de Medicina de Campos, que passaram a ter os hospitais como locais preferenciais de cenários do processo ensino-aprendizagem.

Mesmo assim, em contramão ao momento da Política de Saúde hegemônica no Brasil, o Dr. Renato Alves Moretto, em 1984, com sua ampla visão da valorização da Atenção Primária à Saúde, implementou um projeto de inserção dos alunos na comunidade, desta vez na Favela da Aldeia. Foi um momento profícuo na Faculdade de Medicina de Campos, pois era mais uma vez um projeto desafiador e com grande resistência devido ao paradigma vigente, que era a medicina cada vez mais sofisticada e tecnológica. Ao revisitar o livro publicado por ele em 1985, “Atenção de Saúde em Pediatria”, no qual escrevemos um capítulo com temas extremamente atuais no que concerne à questão de organização de serviços e APS, constatamos o quanto do que muitos de nós somos como profissionais têm os seus primórdios ali, principalmente por termos feito parte de um projeto de um livro sem saber, naquela época, a real dimensão da importância do mesmo. O Dr. Renato tinha a competência de envolver todos da equipe em prol de um grande projeto, convidando-nos em seu lar, o que nos levava a que participássemos de sua vida e de seus ideais. Isto nos fazia melhores médicos e professores, o que redundava em oferecermos melhores conhecimentos, habilidades e atitudes para os alunos. Acreditávamos e realizávamos isso.

Em 2002, a FMC retoma o projeto de valorização da APS no CSEC. Além de iniciar reformas de estruturação física e adequação para uma assistência à saúde no paradigma docente-assistencial, introduz uma modalidade do processo ensino-aprendizagem inovadora, sob as coordenações de Dr. Renato Alves Moretto e Dr. Jair Araújo, que, além de Diretor da FMC, foi um grande defensor e atuante da estratégia denominada Fundamentos Humanísticos Biopsicossociais Aplicados à Saúde (FHBS). Era um nome grande, com críticas por isso, mas adequado ao que pretendíamos, que era engendrar, realmente, os aspectos humanísticos e biopsicossociais no entendimento do processo saúde-doença. Esta estratégia ficou mais conhecida como FHBS. Mais uma vez, foi a capacidade aglutinadora destas duas pessoas,

Dr. Renato Moretto e Dr. Jair Araújo, que fez com que os professores aderissem com afinco ao projeto, levando os alunos semanalmente à comunidade e com reuniões semanais, sendo cada professor-tutor responsável por 12 alunos. Essa experiência foi marcante para todos os professores e alunos desta FMC, sendo um protótipo daquilo que acreditamos e fazemos, enquanto responsáveis pela Direção Clínica do CSEC e do componente curricular Medicina de Família e Comunidade. Esta estratégia sofreu muitas críticas, que, com o passar do tempo, podemos resumir no fato de que ela não tinha um horário definido e separado, deixando para os alunos a decisão se iam à prática ou para outra aula. Temos que reconhecer, portanto, que erramos na condução do processo, mas, tenho certeza de que ficou a experiência necessária para podermos retomar sem repetirmos o mesmo erro.

Em 2008, com Dr. Nélcio Artiles, então Diretor da FMC, houve um incremento na adequação das instalações do CSEC, demonstrando, portanto, que a FMC manteve como uma de suas bases pedagógicas o ensino-aprendizagem na APS. Novas reformas foram feitas para propiciar maior ambiência de trabalho, com climatização e piso adequado em todas as salas de ambulatórios, informatização, local adequado para refeições, centro de estudos, entre outros. Em relação aos recursos humanos, a valorização pode ser evidenciada por meio da contratação de maior número de colaboradores administrativos, inserção de professores dos diversos componentes curriculares, com ênfase na Saúde da Criança, da Mulher, do Idoso, do Adulto, do Homem e especialidades mais demandadas, e criação do cargo de Direção Clínica, no qual assumimos e atuamos até o presente momento (outubro de 2017). Implantamos o Projeto Bairro Saudável, em parceria com 10 Instituições de Ensino Superior de Campos (Uniflu, Fafic, FOC, IFF, Uenf, UFF, FMC, Estácio, Universo e Ucam) e com realizações de oficinas de artes, dinâmica artística para idosos, dança, teatro, circo, pesquisas, trabalhos de prevenção em parasitoses e Aids, orientações sobre fitoterapia e uso de medicamentos, atendimento médico, projeto da caminhada e do controle do tabagismo, entre outros. Nada disto seria possível sem o apoio e a 'exímia maestria' do Dr. Nélcio Artiles (uma referência feita a nossa pessoa anteriormente, em Silva e Juncá, 2012, mas, que, agora, retribuímos, na certeza de que houve outros mestres, como o próprio). Com este projeto, editamos um livro e realizamos diversas pesquisas que redundaram em diversas publicações. Neste período, homenageamos pessoas que fizeram

história no CSEC, como Sr. Francisco de Assis (administrador por muitos anos), Sra. Francisca (colaboradora administrativa) e Dr. Wilson Paes, que por muitos anos atendeu no CSEC. Coroamos este momento histórico com uma homenagem ao Dr. José Rodrigues Coura, incorporando o seu nome à unidade de saúde, que passou a ser intitulada "Centro de Saúde Escola de Custodópolis Dr. José Rodrigues Coura".

Queríamos mais, pois não concebemos uma unidade de saúde que não se renova em conhecimentos. Como diria Dawson, faz-se necessária a articulação ensino-serviço-comunidade para avançarmos com mais competência na assistência à saúde. Assim, em 2014, iniciamos o projeto de implantação de uma Residência Médica em APS, que, no Brasil, é o Programa de Residência Médica em Medicina de Família e Comunidade. Atualmente, em 2017, temos 1 R2 e 2 R1, sob nossa supervisão e a nossa preceptoria e de todos os docentes que atuam no CSEC.

Continuamos com o projeto de valorização e consolidação da APS no CSEC. Atualmente, contamos com o apoio de pessoas, como o Diretor atual da FMC, Dr. Edilbert Pellegrini, o Presidente da FBPN, Dr. Márcio Sidney, todos os professores e colaboradores administrativos que lá atuam, professores e alunos da FMC e, principalmente, a comunidade, sem a qual não existiríamos. Agradecemos a todos neste caminhar de nossa história.

#### Referências:

- LAKHANI M et al. The future of general practice: a roadmap. London, Royal College of General Practitioner's, 2007.  
 MENDES E V. A Construção social da Atenção Primária à Saúde. Brasília: Conselho Nacional de Secretários de Saúde – CONASS, 2015.  
 PENN D et al. Interim report on the future provision of medical and allied services. London, Ministry of Health/Consultative Council on Medicine and Allied Services, 1920.  
 SILVA V L M, JUNCÁ D C M (org.) Território, vulnerabilidades e saúde. Campos dos Goytacazes, RJ: FBPN / FMC, 2012.



## Projeto de Regionalização docente assistencial em Saúde Comunitária, em Zona Rural, com com prioridade ao Grupo Materno Infantil.

Professor Renato Moretto (In Memoriam) - Adaptação da Professora Carmen Célia Moretto

Este projeto teve como alicerce alguns fatos que, por respeito e ética, devem ser lembrados. Havia uma experiência piloto na área de influência das organizações gerenciais locais: Fundação Benedito Pereira Nunes (FBPN)/Faculdade de Medicina de Campos (FMC) / Hospital dos Plantadores de Cana (HPC), no sentido de integrar uma ação docente e assistencial em zona rural. O interesse em buscar conhecimentos necessários para uma nova visão do assunto estimulou o Dr. Renato Moretto a participar de uma reunião do Programa Regional de Desenvolvimento em Saúde Materno Infantil, realizada no Hotel Glória, Rio de Janeiro, em outubro de 1975. Foi o primeiro contato com o Dr. Mário Chaves e Dr. Carlos Serrano, representante da Fundação Kellogg's no Brasil e assessor técnico da Organização Mundial da Saúde (OMS)/ Organização Pan Americana da Saúde (OPAS), respectivamente. Apoiado na possibilidade de assessoria técnica permanente por parte da OMS/OPAS e financeira por parte da Fundação Kellogg, o projeto pode se tornar parte de um programa integrado de Desenvolvimento em Saúde Materno Infantil, que seria de imensa valia para a nossa região e para o país.

A FBPN/FMC e o HPC possuíam tradição na área do ensino dinâmico extra muro e na interiorização da medicina, representada pela ação desenvolvida há mais de uma década, pela rede de ambulatoriais rurais. A conjugação de esforços entre as referidas instituições vinham propiciando ao município de Campos a melhoria das condições sociais e de saúde do homem do campo, paralelamente ao desenvolvimento de infraestrutura de serviços e formação de recursos humanos, imprescindíveis a este objetivo.

Consciente de que a interiorização da medicina deveria ser estimulada ao nível curricular, pela conscientização do discente para os problemas de saúde de sua comunidade como um todo, e do homem, em particular, em suas limitações naturais, a FMC passou a desenvolver um programa de ensino na área Materno Infantil, apoiado em técnicas de ensino tutorado, dinâmica de grupo e laboratório de ensino médico. Paralelamente, através de seu convênio com o HPC, a FMC passou a associar o ensino acadêmico, intra-hospitalar, à inclusão do discente ao meio rural, vivenciando as condições reais vividas pelo homem do campo. Sob o ponto de vista da regionalização docente-assistencial, a FMC consorciou-se com a Universidade Federal Fluminense, que possuía o Hospital Antônio Pedro, atuando como unidade terciária.

Associando-se à experiência autóctone, nestas bases elaboradas, passou-se a contar com a parceria da Secretaria do Estado de Saúde do Rio de Janeiro, num plano de assistência à população materno-infantil, em ação havia dois anos.

Assim foi elaborado o projeto de regionalização docente-assistencial para este município, o Programa Materno Infantil de Campos (PROMAICAM), considerando-se os elementos disponíveis, sendo que o corpo discente da faculdade teria duas influências distintas e simultâneas: a docente e a assistencial. Os alunos entravam num mini sistema curricular, no qual eram submetidos às técnicas do ensino tutorado (ETu) e do laboratório de ensino. Quando no internato atuavam no ensino pelo trabalho (ETA). Do ponto de vista assistencial, iniciavam suas atividades pelas unidades primárias (UP) e eram orientados, a seguir, para o

hospital comunitário (US) que representava o nível secundário do sistema e terminavam pelo hospital universitário (UT) sob a forma de intercâmbio. Da concomitância daqueles dois mini sistemas, o produto básico seria um médico generalista (MG), tão necessário ao Brasil de hoje, o qual encontraria um mercado de trabalho (MT) favorável à utilização dos seus conhecimentos nos diferentes níveis de atenção (UP) (US) (UT). Posteriormente, o médico desenvolver-se-ia em programa de pós-graduação (PG), quer na Residência Médica (RM), aqui com enfoque na área materno infantil e de medicina comunitária, quer no Mestrado e Doutorado (MD). O segundo produto do sistema seria um médico mais especializado e aperfeiçoado, capaz de suprir um segundo mercado de trabalho (MTI) fundamentalmente voltado ao ensino médico, mas ainda com opção do exercício profissional nos níveis secundário e terciário.

O terceiro enfoque era a equipe de saúde (médicos, enfermeiros, assistentes sociais, nutricionistas e líderes comunitários) formada na vivência da integração do homem ao seu meio, resultando em melhores condições de saúde física, mental e bem estar social. Como consequência, criavam-se melhores condições técnicas e econômicas para regionalizar os recursos de saúde, evitando a dispersão e favorecendo a instalação, em boas condições de operacionalização, do profissional de saúde em todos os seus níveis.

A primeira dificuldade enfrentada foi a extensão territorial coberta pelo projeto, com grande distância entre os ambulatoriais rurais e a sede do hospital. E, dentre outros problemas importantes, o maior deles era a escassez de recursos humanos habilitados e preocupados com assistência comunitária, em especial na área materno-infantil. Esses fatos conduziram à busca de capacitação de profissionais que pudessem constituir um polo gerador de conhecimento em saúde comunitária e de outros profissionais habilitados em exercer atividade em equipe multidisciplinar.

A meta do PROMAICAM era diminuir a morbi-mortalidade através da ampliação da assistência, prioritariamente ao grupo materno infantil, no município de Campos, cobrindo de maneira progressiva a população alvo das áreas da sede e de onze de seus distritos, num período mínimo de quatro anos. A abrangência seria consolidada num sistema hierarquizado de diferentes níveis e promoveria a dinamização e interação das diferentes instituições de saúde na área delimitada e, nos executores do programa, uma consciência crescente dos problemas de saúde como um fator comunitário indissociável das injunções econômico sociais, culturais e geográficas.

Para atingir a meta proposta foram elaborados objetivos educacionais (para a graduação, residência médica em Pediatria e Obstetrícia e equipe de saúde ampliada), assistenciais (acompanhamento da mulher na gravidez, parto e puerpério e da criança do nascimento aos quatro anos de vida), de pesquisa (fornecendo indicadores de saúde) e objetivos para o desenvolvimento comunitário (conhecimento das condições socioeconômicas e culturais da comunidade; educação em saúde; identificação e integração com as lideranças comunitárias; grupos de voluntariado; alfabetização de adultos; treinamento e

aperfeiçoamento de mão de obra; integração com a educação escolar etc.). Os princípios epidemiológico, tecnológico e organizacional também foram respeitados na elaboração, operacionalização, avaliação e planejamento do programa.

A ousadia de implantação de um programa com financiamento internacional (Kellogg's) e assessoria técnica da OPAS contribuiu para o reconhecimento da FMC como capaz de alçar voos e ser respeitada na educação médica brasileira.

Portanto, o PROMAICAM cumpriu seus objetivos. O primordial foi semear instrumentos de mudança, seja no olhar holístico do profissional de saúde, na vivência da docência e assistência, como na comunidade, promovendo o homem da cidade ou do campo a

ocupar o seu lugar de destaque na sociedade. Para o HPC, ter a sede e seus ambulatorios rurais fervilhando de ações em saúde e qualidade assistencial reconhecida pelos canavieiros. Para a FMC, além do impulso na sua infraestrutura e de ensino, um lugar de destaque na sociedade, que a referenciou em vários jornais e artigos, na época. A FMC, reconhecidamente, liderou todo processo de organização e melhoria da saúde materno-infantil em Campos, que perdura através das novas gerações.



“Nos parece mais importante o fato incontestado de que os homens de nossa terra, tendo assumido no passado as responsabilidades de polarização do fluxo docente por um lado, assistencial, pelo outro,...não omitiram de seus pensamentos os menos favorecidos e, irmanados,...encetam mais uma jornada no trabalho de poucos, para o bem de todos”  
(Renato Moretto).

## LABORATÓRIO DE ENSINO MÉDICO (LEME)

Professor Renato Moretto (In Memoriam), extraído do livro *Atenção de Saúde em Pediatria*, 1985 - Adaptação da Professora Carmen Célia Moretto

O LEME foi a estratégia utilizada para introduzir tecnologias educacionais aplicadas à Medicina, de modo a criar condições curriculares para a prática da medicina comunitária, através de um programa de regionalização docente assistencial ao nível de graduação, pós-graduação, equipe de saúde e educação comunitária.

O Projeto de Implantação de Laboratório de Ensino na Faculdade de Medicina de Campos (FMC) era um sub-projeto do programa de “Regionalização Docente – Assistencial em Zona Rural, com Prioridade ao Grupo Materno Infantil” (PROMAICAN), elaborado pela FMC em convênio com o Hospital dos Plantadores de Cana (HPC), Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) e Fundação Kellogg’s. Esta, em 1978, repassou dois mil dólares, à Fundação Benedito Pereira Nunes (FBPN)/FMC, para a implantação do LEME, projeto supervisionado e com acompanhamento técnico da OPAS. Acrescenta-se que na mesma época obteve-se a doação pela PAHEF (Fundação Pan Americana para a Educação Médica), órgão da OMS (Organização Mundial de Saúde), de um estúdio completo de edição de vídeo, a cores, quando não havia em Campos, repetidora de TV.

O Departamento de Pediatria e Puericultura da FMC, à época, vinha desenvolvendo a estratégia de ensino baseada nos princípios de dinâmica de grupo, com estímulo às atividades que visavam o auto-aprendizado com tutoria permanente, utilizando-se para isto de seminários, painéis integrados, discussão de textos em grupos, atividades de sociodrama, representação e simulação, bem como o exercício prático dos conceitos emitidos e discutidos. Passou-se também à validação de Módulos Instrucionais para o programa de Internato, elaborando objetivos operacionais, utilizando-se de filmes, diapositivos e material programado sob a forma de textos, rotinas assistenciais etc, o que foi também utilizado no Programa de Residência Médica em Pediatria e na formação de pessoal paramédico em cursos de Formação de Atendentes e Instrução de Técnicos de Laboratório. Na capacitação do docente realizavam-se cursos de Metodologia de Ensino, Formulação de Objetivos Operacionais, Avaliação, Instrução Programada, Técnica de Dinâmica de Grupo e outros. Na comunidade atuava-se com grupos de mães e de gestantes, sendo que na área rural implantou-se o projeto específico de educação sanitária, no PROMAICAM.

Assim, a instalação do Laboratório de Ensino Médico foi consequente à percepção da necessidade de expansão de estratégias e metodologias de ensino, objetivos e metas de renovação contínua do conhecimento que se tornaria mais factível quando da posse de um acervo de material audiovisual e de textos para utilização do docente. Outra necessidade básica era representada pelo treinamento do pessoal em serviço (médicos residentes, docentes, internos, alunos, atendentes, parteiras, enfermeiras, assistentes sociais, estagiários, etc.) visando à capacitação e/ou reciclagem docente assistencial. Para a Educação em Saúde na comunidade se tornava necessária a utilização de material adequado, em linguagem acessível, de acordo com o

nível socioeconômico e cultural da população, objetivando a melhoria da saúde e educação da população assistida.

Originalmente, o LEME era formado de três unidades: geradora, armazenadora e expositora de tecnologia educacional.

Na unidade geradora, centro criador de tecnologia educacional, trabalhavam: um técnico em didática e pedagogia, um consultor para conteúdo médico, um desenhista, um fotógrafo e um datilógrafo. Esta unidade funcionava da seguinte forma: um professor levava ao LEME um problema didático; o técnico em didática e pedagogia examinava o conteúdo e sugeria alguma técnica que o professor, com o consultor para conteúdo médico, definia a mais adequada que era aplicada. Passava-se então, à preparação do material gráfico e do material audiovisual (slides, filmes, cartazes, fitas gravadas, etc) com a colaboração do desenhista, fotógrafo e datilógrafo, conforme o caso. O problema trazido podia ser escolha de uma técnica, o planejamento de todo um curso, a colaboração de material específico para determinadas unidades do programa ou até mesmo a montagem completa de cursos.

Esse tipo de trabalho desenvolveu-se nos níveis de graduação, pós-graduação e treinamento em serviço comunitário. Este último era o que concentrava o maior trabalho do LEME, programando atividades, palestras e cursos para mães e gestantes, e atividades de educação sanitária, utilizando bateria de slides, fitas, filmes ou desenhos animados, com temas de saúde e saneamento.

A unidade armazenadora funcionava como biblioteca, arquivo e central de empréstimos de material produzido. Nesta unidade eram catalogados e arquivados os textos, os slides, as fitas gravadas e os filmes produzidos na unidade geradora, além dos recebidos de outros centros de tecnologia.

O canal direto de relacionamento do LEME com o público era a sua unidade expositora formada de uma parte fixa: auditório com 20 lugares, equipado com tela fixa, projetores e “tape deck” e uma parte móvel constituída pelos aparelhos e uma tela portátil, utilizada, principalmente, nas comunidades atendidas.

O material produzido pelo LEME era basicamente tecnologia educacional do tipo “software”. Validavam-se módulos instrucionais, fichas de avaliação comportamental, produção de recursos áudio visuais, material instrucional do tipo textos, testes, instruções programadas, baterias de diapositivos, transparência, cartazes e fitas de vídeo cassete.

A estrutura e o desempenho do LEME foram de vital importância para se apoiar, qualificar o ensino e difundir o conhecimento conforme seu objetivo primeiro, e mesmo com o término do convênio OPAS/Kellogg’s e dos recursos financeiros, continuou exercendo seu importante papel na FMC.

Com o tempo foi mudada sua finalidade e nome. Atualmente, em seu lugar, tem-se o CAP (Centro de Apoio ao Educando).

## Plínio Bacelar - 100 anos, Laboratório 75 anos. a Faculdade de Medicina de Campos - 50 anos,

Dr Carlos Bacelar - Diretor do Laboratório Plínio Bacelar

Três histórias intercaladas que colocaram Campos dos Goytacazes como referência nacional em Medicina, pesquisa e conhecimento. Neste ano de 2017, a trajetória do médico Plínio Bacelar da Silva, que completaria 110 anos em março último, volta a encontrar-se com a do Laboratório Plínio Bacelar, criado por ele há 75 anos, e com a Faculdade de Medicina de Campos, instituição que ajudou a fundar 50 anos atrás.

Nascido em 22 de março de 1907, o médico Plínio Bacelar da Silva formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1935, optando pela especialidade de Clínica Geral e Cirurgia. Considerado conselheiro, médico de família, ele também se dedicava às pesquisas e fundou, em 1942, um minilaboratório, instalado em uma sala anexa a seu consultório, na Avenida Alberto Torres. O objetivo era auxiliar o diagnóstico de seus pacientes.

Mas o sucesso dos diagnósticos, logo levou à procura de outros médicos. O primeiro pedido de exame, em 28 de julho de 1942, foi o de seu colega de profissão, Dr. Philippe Uébe. O documento, que se encontra guardado pela família é considerado o registro de fundação do laboratório.

Da sala anexa ao consultório, o laboratório mudou-se para os altos da Farmácia Arlindo, na antiga Rua da Quitanda, hoje Theotônio Ferreira de Araújo. Casado com Emilce Mothé Bacelar da Silva, teve dois filhos: Carlos e Eraldo. Com o contínuo aumento da demanda por exames, em 1969, quando Carlos Bacelar retornou a Campos, formado em Ciências Biológicas, o laboratório tornou-se uma empresa – Laboratório de Pesquisas Clínicas Ltda.

Na década seguinte, o laboratório ganhou novo perfil em função de crescente procura por Medicina Laboratorial mais específica e exames mais avançados. No início dos anos 80, uma inovação: O laboratório já contava com computadores e criou o primeiro site. Na década de 90, passou a integrar a equipe o filho Eraldo Bacelar, Farmacêutico Bioquímico. Desde então, a pioneira iniciativa do médico Plínio Bacelar da Silva transformou-se em referência para análises e pesquisas clínicas, com certificações e creditações nacionais e internacionais e 24 unidades de atendimento no Norte Fluminense e Região dos Lagos, além da sede, no Centro de Campos dos Goytacazes.

O diferencial do Laboratório Plínio Bacelar foi, desde seu início, qualidade e foco na precisão nos resultados, aliando tradição a tecnologias modernas. As unidades contam com o que existe de mais moderno em termos de diagnóstico, sem abrir mão dos mais rigorosos padrões tecnológicos e de segurança do país na área de saúde.

Em 2001, o Laboratório Plínio Bacelar obteve a primeira certificação: o “DICQ”, auditado pela Sociedade Brasileira de Análises Clínicas, tornando-se o quinto laboratório no Estado do Rio e o primeiro no interior fluminense a ter esta certificação. Em 2005, foi a vez da certificação “ISO 9001”, sendo a primeira empresa do interior na área de saúde. Em 2014, o Programa Nacional de Controle de Qualidade (PNCQ), da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas, conferiu ao Laboratório Plínio Bacelar “Certificado de Excelência Laboratorial, na Categoria Diamante”,

pelo desempenho nos últimos 20 anos. E, em novembro de 2017, recebe, na República do Panamá, o “Latin American Quality Institute”, por ser escolhido como empresa de qualidade certificada no Brasil.

Hoje, aos 75 anos, o Laboratório Plínio Bacelar é uma das empresas familiares mais antigas do Brasil. A atual diretoria é composta por Carlos Bacelar - Diretor Geral, Renato Bacelar - Responsável Técnico, Bettina Bacelar - Diretor Técnico, Pedro Bacelar - Diretor Administrativo e Leonardo Bacelar - Consultor Científico. Realiza mais de 250 mil exames mensais, supervisionados por equipe de mais de 110 colaboradores diretos e 100 indiretos.

A contribuição de Plínio Bacelar da Silva para Campos e para o país foi muito além da criação do Laboratório. Recebeu incontáveis homenagens e prêmios, como a condecoração “Amigo da Marinha do Brasil”, por serviços prestados; Prêmio Miguel Couto, láurea por trabalho científico apresentado, além de inúmeras participações em congressos de todo o Brasil, através de trabalhos científicos. Talvez, o médico de maior curriculum vitae de Campos em todos os tempos.

Plínio Bacelar da Silva foi, ainda, intelectual, historiador, poeta e trovador. Membro da Academia Pedralva de Letras e Artes, registrou em duas obras: “Trovas, Troças & Cia” e “Coisas da Arca da Velha”, hoje compiladas em “Obras (quase) Completas, trovas, poesias e expressões curiosas e populares do cotidiano”. Por seu pioneirismo e visão progressista, fundou e exerceu por duas vezes o cargo de presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia, duas vezes o de presidente da Sociedade Fluminense de Gastroenterologia, e também por três vezes presidente da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia.

E foi na Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia que surgiu a semente da Faculdade de Medicina de Campos. A proposta de criação, pelo Dr. Almeida Gusmão, foi apresentada no início de janeiro de 1965. No dia 27 do mesmo mês, uma assembleia conjunta da Sociedade Fluminense e da Fundação Benedito Pereira Nunes elegeu uma comissão para viabilizar a criação da Faculdade de Medicina.

O presidente da comissão era Plínio Bacelar da Silva e tinha, como membros, Osvaldo da Costa de Cardoso Melo, Luiz Carlos Mendonça da Silva, Décio Lobo de Azevedo, Wilson Paes, Honor de Lemos Sobral, Almeida Gusmão, Luiz Augusto Nunes Teixeira, Nilson Lobo de Azevedo e Geraldo Venâncio.

Essa comissão, mais tarde denominada Grupo Executivo de Implantação da Faculdade de Medicina de Campos, percorreu outras faculdades e instituições, realizou articulações políticas que possibilitaram que o sonho da Faculdade se tornasse uma realidade. Um trabalho incansável para atender aos anseios da população e dados técnicos, que comprovaram a necessidade da criação da instituição de ensino na cidade.

Apesar de planejada para funcionar a partir de 1968, teve que acelerar suas obras para, atendendo às contingências daquele momento universitário brasileiro, ser inaugurada em 14 de outubro de 1967.

Plínio Bacelar da Silva foi, ainda, intelectual, historiador, poeta e trovador. Membro da Academia Pedralva de Letras e Artes, registrou em duas obras: “Trovas, Troças& Cia” e “Coisas da Arca da Velha”, hoje compiladas em “Obras (quase) Completas, trovas, poesias e expressões curiosas e populares do cotidiano”.

O médico continua presente na Faculdade de Medicina de Campos, através do Prêmio Plínio Bacelar da Silva, criado pela Sociedade Universitária de Pesquisas e Estudos Médicos (Supem), da FMC, e destinado a melhores trabalhos científicos apresentados por estudantes de Medicina em Congressos.



Dr Plínio Bacelar da Silva

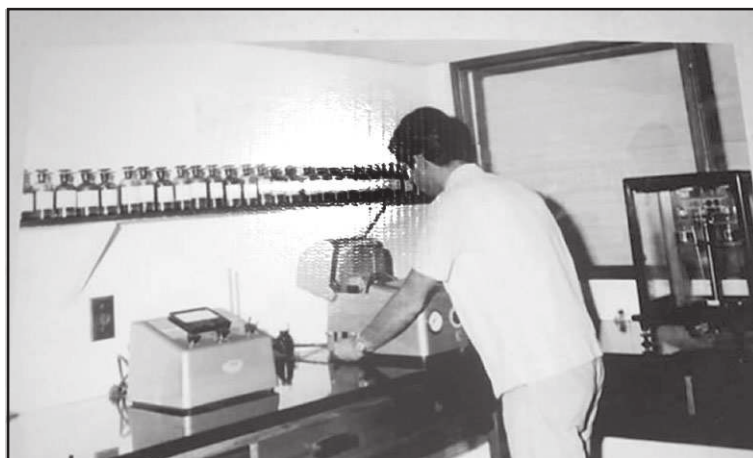


Imagem histórica do Laboratório Plínio Bacelar

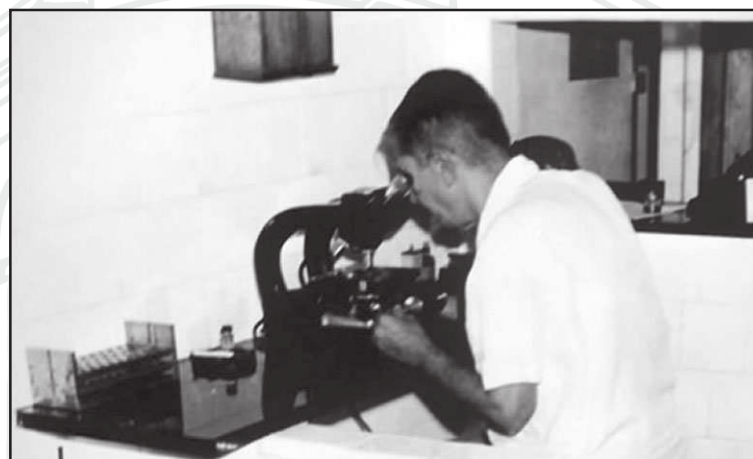


Imagem histórica do Laboratório Plínio Bacelar

## Professor Carlos de Oliveira Cheren

Professor Luiz Fernando Machado Alves Moreira - “Seu aluno”

O uso, nesse texto, do verbo sempre no presente poderá surpreender a alguns leitores, o que com certeza não acontece com seus alunos, que somos todos nós que tivemos o privilégio de com ele conviver.

A tarefa de falar sobre o Professor Cheren é muito fácil e ao mesmo tempo muito prazerosa. Os trinta anos de vivência na F.M.C., dos quais quinze de convivência semanal de muitas horas foram um prêmio que a vida me proporcionou, ao colocar no meu caminho um ser humano ímpar - o professor Cheren.

Sua condição invejável de ser humano nos obriga a fugir de uma descrição acadêmica de seus títulos, cargos, trabalhos científicos ou outras quaisquer honrarias tão cultuadas no mundo atual.

Quem o conhece e com ele convive compreende muito bem o valor que ele dá a essas honrarias. Com toda certeza ele não gostaria de ser lembrado por nenhum desses títulos. Certamente poucos seriam capazes de enumerá-los, pois ele nunca deles se vangloriou.

Seu modo singular de vida, de ver as coisas e o mundo nos impede de tentar vê-lo por esse ângulo de honrarias materiais. Quando hoje tanto se fala em humanismo, humanização de currículos e de profissões, o seu exemplo de vida é a personificação desse conceito.

Criatura de inumeráveis predicados, muitos dos quais são jóias que raramente são encontradas juntas num único indivíduo.

A humildade sem subserviência e com altivez; a serenidade e a mansidão dos que sabem para que e por que estão na vida; a excelência no trato com seus semelhantes; o domínio da arte do silêncio que caracteriza os sábios; a sensibilidade e disposição diuturna de viver em razão de trabalho e de seus companheiros; a compreensão da importância de responder com amor às incompreensões e agressões; a vocação do mestre que ensina pelo exemplo são algumas de duas inúmeras virtudes.

Melhor que tentar enumerar as qualidades desse ser humano ímpar, é fazê-las entender através de relatos da sua convivência diária.

Chego ao anatômico suado, cansado, estressado do “corre-corre” da vida diária, encontro o Professor Cheren nos seus 76 anos sentado à mesa da Sala dos professores da Anatomia preenchendo o livro de atividades. Sala minúscula, desconfortável, quente. Levanta-se rapidamente. Seu semblante é sereno, sua voz é afável. Jaleco puído, colarinho dessarumado, sapato branco surrado. Puxa e oferece a cadeira onde está sentado. “Senta aqui meu filho”. Sai para o Anatômico para buscar um banco desconfortável onde se senta. “Você está cansado, descansa um pouco”. Seu sorriso relaxa, sua palavra desmonta, não há irritação que resista frente à figura e à serenidade do ser humano que ali se apresenta.

Convênio da Faculdade com uma outra instituição de ensino superior. Professores da Faculdade de Medicina no curso de veterinária. Que dificuldade! Mas o professor Cheren é veterinário. Aulas a duas mãos. Os outros professores e Cheren sempre complementando. O assunto é o sistema digestório nos diversos mamíferos. Assumo a primeira parte da aula. O Professor

Cheren em seguida explica suas diferenças anatômicas nos principais animais. A turma é irrequieta, difícil. A conversa rola à solta e atrapalha. Professor Cheren não mostra qualquer irritação, continua sereno. Há momentos em que sua voz é abafada pela algazarra da platéia desinteressada. Sua voz não se eleva. Assisto a tudo com extrema irritação e vontade de intervir. Subitamente, do fundo da sala, um aluno de bermuda e chinelo de dedo, mascando chicletes, com ares de surfista, diz “Professor e o camelo?”. A risada é ensurdecadora. Professor Cheren não se abala. Tenta falar. A balbúrdia não permite. Espera pacientemente o silêncio possível e então... “Meu filho! No ano de mil novecentos e quarenta e poucos, quando trabalhava na inspeção de frigoríficos para o Ministério da Agricultura, um meu assistente viajou para a Argélia. Aquele país abate os camelos para o consumo da carne, quando eles ficam velhos para o trabalho. Acho que ele me trouxe algum material sobre camelos.” A risada se multiplica, a balbúrdia continua. Uma semana após, no início de outra aula, o professor Cheren pergunta serenamente: “Onde está aquele aluno que tem interesse na anatomia do camelo? “A turma rompendo em risada, responde: “É o Jorge! É o Jorge!”. Professor Cheren não se abala. Puxando da pasta um volumoso conjunto de cópias xerox : “Meu filho, trouxe para você esses trabalhos sobre a anatomia do sistema digestório do camelo!” Um silêncio sepulcral subitamente toma conta da sala. A galhofa agora muda de destinatário. Com certeza a lição nunca será esquecida.

Prova oral de Anatomia. Tensão geral. Alunos nervosos, ansiosos e irritados com a “prisão” temporária na sala anexa ao Laboratório, mas necessária para evitar o contato com os que já fizeram a prova. Professor Cheren faz a prova oral com uma aluna que rompe em choro copioso por não conseguir responder algumas perguntas. Professor Cheren interrompe a prova. Senta a aluna fora da mesa de exame. Oferece água. Acalma. Infunde confiança. “Fique calma. Eu sei que você estudou. Vamos retornar ao exame. Eu estou aqui, não para perguntar o que você não sabe, e sim o que você sabe.”

Quarta feira, vinte horas, Professor Cheren já está no anatômico desde as oito horas da manhã. Já repetiu o assunto e respondeu a mesma pergunta, pacientemente inúmeras vezes para um sem número de alunos. Um aluno tentando dissecar determinada estrutura apela para sua ajuda. O mestre não demonstra qualquer cansaço ou irritação. Aproxima-se da mesa. “Meu filho, abra o Atlas, vamos procurar a seção correspondente”. O aluno abre o livro. A explicação do mestre extrapola o solicitado. A explanação é rica de detalhes e vivência de quem domina os mistérios do corpo humano, em milhares de horas de paciente dissecação. O aluno tenta abreviar a lição e se retira de fininho deixando o professor a falar sozinho. Eu que a tudo acompanhava continuo como único ouvinte admirado de tanta resistência física, paciência, conhecimento, humildade e sabedoria.

A rotina do Anatômico determina que ao final das atividades há de se recompor o cadáver, lavar e guardar todo o instrumental. Essa atividade dos alunos demanda algum tempo, o que obriga a começar essa tarefa trinta minutos antes das vinte e uma horas. É atividade enfadonha, mal vista pelos alunos, que tentam empurrar a tarefa uns para os outros, principalmente porque no final do expediente

todos estão cansados. O jogo de futebol na televisão vai começar, tem festa na república etc... Invariavelmente para quem sobra essa atividade? Claro que para o Prof Cherem. É o mais novo de todos! Ele tem apenas setenta e seis anos ao contrário dos alunos com média de dezoito anos. A tarefa é cumprida sem queixas ou lamentações, com o entusiasmo de um principiante e a perfeição de um veterano.

Os professores que moram fora do município ficam hospedados no hotel. Professor Cherem por opção sempre dorme na Faculdade. Quarto acanhado, quente, pouco arejado, franciscano.

Cinco e trinta da manhã, quarta-feira. O dia amanhece, Prof Cherem já está de pé no seu pequeno quarto da Faculdade. Prepara-se para fazer sua caminhada em torno do quarteirão. Passa por várias casas com jardins floridos, debruçados para a rua. À proporção que caminha colhe flor aqui, flor ali. Volta para Faculdade. As salas da administração ainda estão fechadas. Guarda as flores no seu quarto. Toma seu banho e às sete horas já está na portaria para tomar o café com o porteiro (Tião ou seu José), que é o primeiro café que é feito na Faculdade. Mais tarde, quando as funcionárias da secretaria chegam para trabalhar, encontram, sobre suas mesas, um pequeno ramo de flores.

Um pequeno armário na sala dos professores de Anatomia tem um dono singular. Um par de sapatos surrados, um jaleco puído no colarinho, uma caixa de material de dissecação, um livro de taquigrafia, algumas luvas descartáveis. Descartáveis? Não existe material descartável para o Professor Cherem. Ao final de cada sessão de dissecação, observa-se invariavelmente o mesmo ritual. As luvas descartáveis são lavadas e postas para secar cuidadosamente. Depois de secas serão entalcadas e guardadas no armário para futuro uso. A lâmina descartável de bisturi, que foi usada durante todo o dia, será devidamente amolada num pequeno amolador que só o Professor Cherem tem. Tudo isso se traduz numa economia de uns poucos reais por semana para a Faculdade de Medicina, mas num prazeroso e exaustivo trabalho para o Professor Cherem.

Horário noturno opcional de estudo no anatômico. Véspera de longo feriado. Dois professores à disposição para “pingados” dois ou três alunos, que às vezes comparecem. Nem os monitores resistiram e já viajaram. Só me resta conversar com o Prof Cherem para esperar às vinte e uma horas do final de expediente. A conversa circula por vários assuntos. Correlaciona estruturas anatômicas do corpo humano com a dos demais animais. Desfia toda uma existência de múltiplas experiências de toda uma vida em alguns minutos. Relembra fatos de sua atividade na fiscalização de abatedouros, como funcionário do Ministério da Agricultura, do início de seu interesse pela anatomia humana, da defesa da livre docência, da importância do prof. Mauricio Moscovici na sua vida acadêmica e na sua vinda para a FMC, as histórias de seu sítio em Pendotiba, de seu Jipe 54, de seus inúmeros cães etc... A lição dessa noite extrapola os limites da Anatomia. Expõe-se a alma de um ser humano admirável, vetusto, humilde e franzino na sua aparência física. Um gigante de simplicidade, dignidade, decência, companheirismo, sabedoria e ética. Um exemplo de vida. Um verdadeiro mestre na essência da palavra.

Termina o período de férias escolares de final de ano. O Professor Cherem não aparece na Faculdade na primeira terça feira de aula, algo inusitado para esse exemplo de comprometimento. O que terá acontecido com o Professor Cherem? Telefona-se para Niterói. Chega a notícia: ele morreu durante as férias. Saiu desse mundo com a mesma simplicidade e dignidade como viveu, deixando uma saudade imensa entre os amigos que conquistou.

Esse é o prof. Cherem, o “cherenzinho” no tratamento de seus muitos e eternos discípulos.



Homenagem o professor Cherem, numa das salas do Laboratório de Anatomia.

## “Mens sana in corpore sano”

### Uma homenagem ao médico poeta Antonio Roberto Fernandes in memoriam

Raquel Fernandes - Professora de Artes do IFF/Campos

Como estudante de medicina nesta Faculdade, o poeta Antonio Roberto a presenteou com belos poemas onde a mesma é referência. No seu próprio Hino, ele exalta a importância desta escola na sua formação:

“Em suas salas me preparei  
para o que a vida me preparar.  
Aqui sorri, aqui chorei,  
e chorarei quando aqui voltar.”  
(trecho do Hino da Faculdade de Medicina de Campos)

Este texto, em primeira pessoa, representa a mim e a meus irmãos, Luciana, Rafael e Humberto, que convivemos boa parte das nossas vidas com um maravilhoso médico, poeta e pai especializado na Medicina da alma.

Desde o primeiro contato com o principal objeto de estudo da Faculdade de Medicina, ele demonstrou uma sensibilidade diferenciada, por se permitir fazer reflexões sobre a vida e a morte. Neste momento, surge seu poema “Palavras ao Cadáver”, lido e escutado constantemente por estudantes e médicos Brasil afora.

Quando nós nascemos e crescemos, já sabíamos de antemão que nosso pai havia cursado a tão importante faculdade, e com um orgulho quase infantil, sempre que éramos perguntados sobre ele respondíamos em uníssono: “- Meu pai fez Medicina, não exerceu a profissão, preferiu cuidar da alma das pessoas: ele é Poeta.”

No convívio diário com este homem das letras e da vida, pudemos perceber que para sua mente e sua alma de poeta, a medicina estava bem distante da antiga frase de origem latina que intitula este texto. E sempre que alguém ao redor adoecia, ele dizia que esta pessoa deveria ter sérios problemas. Dizia também que a nossa mente poderia nos adoecer ou nos curar, que nós tínhamos um nervo, popularmente conhecido como nervo vago, que era responsável por descarregar nossas emoções em quatro diferentes órgãos: pulmão, coração, estômago e intestino. E assim, cuidando das nossas emoções, estaríamos cuidando desses grandes órgãos vitais.

Desde criança sabíamos pronunciar esta grande palavra: pneumocardio gastroentérico. E assim, cada vez que nos aborrecíamos ele dizia: “Cuidado com o nervo vago respire fundo e leia um poema, contemple a natureza, ande pela rua, preste atenção nas coisas.” A arte pode nos salvar, pois o poema, feito com poesia, restaura e organiza nossas emoções e nos coloca no prumo de quando em vez.

Obviamente, com grande capacidade intelectual, papai se formou médico, amou as letras, as mulheres, a vida e a seus filhos sem igual. E pudemos aprender com ele a regra para sermos saudáveis e nos sentirmos bem, cuidar da mente, do sentimento, amar as pessoas e dar-lhes atenção. Este seria o remédio para a mente e para o corpo em consequência.

Papai nos deixou cedo neste plano, porém, a cada tempo que se passa, nós que convivemos com este Médico da Alma compreendemos como o seu “nervo vago” devia sofrer neste mundo

de tantas injustiças, tantas angústias e tanta violência de todas as instâncias. Hoje ele está curado, sua alma se recupera e nos abraça em cada sono. E todas as noites nos dá, durante o sonho, uma dose do remédio para o único mal da alma que não se pode curar: a saudade.

#### PALAVRAS AO CADÁVER INDIGENTE

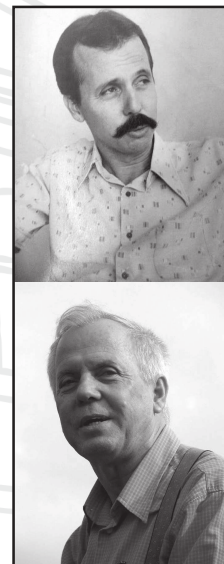
Vejo-te os pés calejados  
e me pergunto onde andaste  
quantos caminhos pisaste  
em busca de uma ilusão.  
Mas o mundo foi mesquinho,  
teus caminhos se estreitaram  
e o chão que os teus pés pisaram  
foi todo pisado em vão.

Vejo-te as mãos e imagino  
que bateram, trabalharam,  
e o quanto, talvez, vibraram  
em mil carícias de amor.  
Mas hoje estão encharcadas  
de formol e de protesto,  
num triste e último gesto  
de desespero e de dor.

Vejo-te o peito rasgado  
e penso que lá no fundo  
quanto desejo profundo  
em teu coração brotou.  
Vejo-te os olhos em busca  
de um ponto que não se alcança  
guardando a imensa esperança  
de algo que não chegou.

Se alguém, um dia, te disse  
que o mundo é feito de flores...  
Mentira. Só dissabores  
o homem pode viver.  
E a ordem da vida é unir-se  
à multidão enganada  
que corre em busca do nada,  
que vive para morrer.

Cadáver, amigo estranho,  
agora ensinas a gente  
a ver mais profundamente  
o que a vida nos mostrar.  
E se há justiça, de fato  
podes crer, eu não te iludo –  
que a morte te dará tudo  
que a vida não soube dar...



FERNANDES, Antônio Roberto, Palavras ao cadáver indigente. In: SILVA JUNIOR, Severino Fonseca. Sinópses Anatômicas. São Paulo: Atheneu, [1973]. p.[609]

## A Morte dá Lugar à Vida...

Dr. Wellington Paes e Dr. Walter Siqueira

Uma das páginas mais belas, poéticas e comoventes da nossa história foi a construção da primeira maternidade de Campos, onde hoje se encontra a Faculdade de Medicina de Campos.

A Maternidade foi construída no antigo terreno do Cemitério Quimbira.

Manuel Moll, campista, poeta brilhante e grande cultor do verso, recitou o seguinte soneto de sua lavra, na sessão solene de lançamento da pedra fundamental da Policlínica e Maternidade de Campos (15/11/1923):

### A Cruz e o Alta

O fogo sagrado no Cemitério de Quimbira terreno que se destina ao advento da maternidade.

Rolam muitos clarões, sinistros e fulgazes,  
Alta noite no chão considerado santo.  
É a luz original dos velhos, dos rapazes,  
Das vítimas da peste indiana, o que hoje canto.  
Dos ossos ela surge, em lampejos capazes  
de tanta maravilha e de prodígio tanto!  
É a vida a rebrilhar, em suas novas fases,  
Na deserta extensão de um mísero recanto.  
Parece um duende ultriz, um fantasma do inferno.  
Sobe aos braços da cruz dos mártires sozinhos,  
e desce aos pés do altar. Certo não há de,  
como a cruz cai no chão, nas curvas dos caminhos,  
espalhando o terror, na hora da saudade.

Na mesma sessão solene do lançamento da pedra fundamental, o poeta Otaviano Chaves oferece aos iniciadores da Maternidade e Policlínica, representados pelo Dr Benedito Pereira Nunes, e recita, este belo poema:

“De túmulo a berço”.  
O’ terra santa, aventurada terra  
Que Deus fadou a divinais destinos,  
Fostes ontem tumba, teu seio inda encerra  
Brancas ossadas, prantos cristalinos,  
Noites e dias, ao passar dos anos,  
Tu repousaste silenciosa e triste,  
Guardaste, avara, muitos desenganos,  
E quanta dor por tua causa existe?...  
Nestas muralhas, brancas como a neve,  
Tristes pousaram agouzeiras aves,  
À luz tristonha de uma chama leve  
Que se evolará das fúnebres naves.  
Tumba era tu, misterioso arcano  
Onde a matéria existe transformada,  
Final da vida para o ser humano,  
Porta de acesso às regiões do nada.  
Hoje desperta da modorra antiga  
Já se engalanas por teu novo fim.  
Abre o regaço, generosa amiga,  
Enche-o de flores, torna-o cetim.  
Recebe a pedra, marco militar  
Que a caridade lança a novo templo,  
Templo que vai aos pósteros mostrar  
Nosso altruísmo no mais santo exemplo.

Um dia, breve, meigas criancinhas  
Terão seu berço no teu colo amigo:  
Serão teus filhos santas avezinhas,  
A quem darás um maternal abrigo.  
Abre o regaço, terra cuja sorte  
Está em dois misteres definida:  
Vais ser ingresso para o lar da vida.

Em 24 de janeiro de 1926, nas comemorações do quinto aniversário da Sociedade, era inaugurado o prédio da Policlínica. A primeira grande obra da Sociedade Fluminense de medicina e Cirurgia.

A maternidade foi inaugurada em 1934. O destino, no seu traçado imutável, não quis que Benedito Pereira Nunes presenciase a concretização de seu ideal. E, por uma coincidência histórica, no dia 15 de dezembro de 1934, data fixada para a inauguração da maternidade, a morte implacável fulminou-o.

A inauguração foi transferida para o dia 23 do mesmo mês. A primeira criança nascida na maternidade recebeu o nome de Benedito.

Com a criação da Maternidade, o presidente da época da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia, Abelardo Bastos Tavares, intuiu a Fundação Policlínica e Maternidade de Campos.

Em janeiro de 1961, por escritura pública, a instituição passou a denominar-se Fundação Benedito Pereira Nunes, tendo como finalidade, segundo seus próprios estatutos, atender às classes desprovidas de recursos em assistência médica, ambulatorial e hospitalar.

A Fundação, numa reforma estatutária, ampliou suas finalidades ao ensino médico e paramédico, recebendo a missão de implantar e consolidar, na condição de mantenedora, a Faculdade de Medicina de Campos!

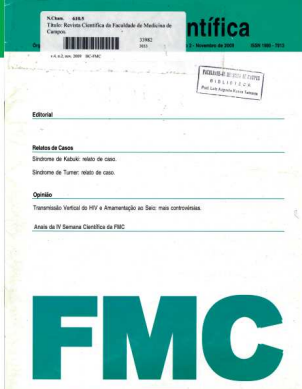
Quatorze de outubro de 1967: inaugurava-se festivamente a Faculdade de Medicina de Campos, e atinge o cume a feliz destinação do Quimbira.

Longa e ascensional foi a sua cronologia.

**O cemitério... A maternidade... A faculdade.  
A morte ... O nascimento... O médico.**

\* Publicado originalmente na página Folha Letras, da Academia Campista de Letras no jornal Folha da Manhã do dia 21 de fevereiro de 2014.



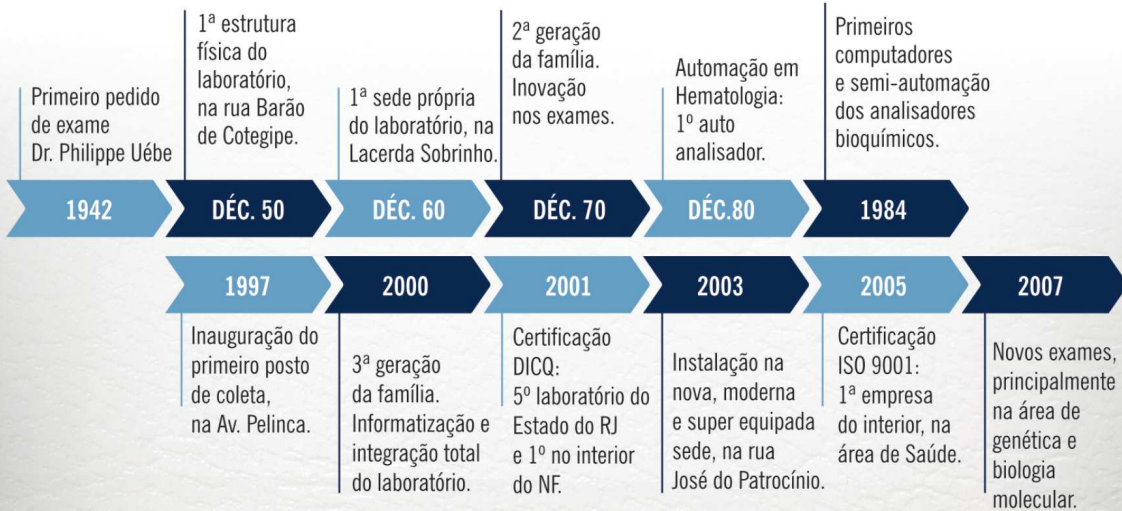


A Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos foi criada em 2006, tendo a primeira edição lançada em novembro do mesmo ano. O intuito era de ser uma publicação especializada aberta a contribuições nacionais e regionais e ser distribuída nacionalmente. O objetivo era publicar informações científicas em saúde que pudessem contribuir para o conhecimento médico e dos demais profissionais de saúde. Teve como primeiro editor científico a professora Regina Célia de Souza Campos Fernandes. Atualmente está sob responsabilidade do professor Shaytner Campos Duarte.



# LABORATÓRIO Plínio Bacelar

Laboratório de Pesquisas Clínicas Ltda



## 1942

Dr. PHILIPPE UÉBE  
MEDICO OPERADOR  
ca geral, Doenças da pele, Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta  
Consultas diárias, das 9 às 12 e das 2 às 6 horas  
Edifício Lysandro - 1.º andar (Salas 2-4) — Phone 696  
Residência: Av. 7 de Setembro, 329 CAMPOS

Ilmo. Snr.

Caro Plínio  
Muito prazer

Recebi o exame  
de urina e sangue  
e estou aguardando  
o resultado

## Há 75 anos honrando seu COMPROMISSO COM A QUALIDADE.

Moderna sede e 24 unidades de atendimento  
Atendimento na região dos lagos e todo NF  
Certificações e acreditações nacionais e internacionais  
110 colaboradores diretos e 80 indiretos  
Mais de 250 mil exames ao mês  
Programa de Responsabilidade Ambiental

## 2017

